

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA NADYELLE LOPES DE SOUZA NASCIMENTO.

DESAMPARO, FÉ E SOFRIMENTO NA NEUROSE OBSESSIVA.

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

MARIA NADYELLE LOPES DE SOUZA NASCIMENTO.

DESAMPARO, FÉ E SOFRIMENTO NA NEUROSE OBSESSIVA.

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Dr. Raul Max Lucas da Costa.

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

MARIA NADYELLE LOPES DE SOUZA NASCIMENTO.

DESAMPARO, FÉ E SOFRIMENTO NA NEUROSE OBSESSIVA.

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 26/06/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa.

Membro: Prof. Me. Larissa Maria Linard Ramalho.

Membro: Prof. Esp. Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva.

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

DESAMPARO, FÉ E SOFRIMENTO NA NEUROSE OBSESSIVA

Maria Nadyelle Lopes de Souza Nascimento[1]

Raul Max Lucas da Costa[2]

RESUMO

Este artigo tem como objetivo abordar a análise entre fé e a estrutura neurótica, destacando a importância da existência da relação e integração desses aspectos no sujeito para entender a resiliência que este enfrentamento produz, auxiliando no processo terapêutico levando em consideração aspectos místicos, com objetivo específico em ajudar o indivíduo a encontrar um equilíbrio saudável entre sua espiritualidade e sua saúde mental, reduzindo a rigidez dos rituais compulsivos e aliviando a ansiedade e a culpa associadas. Esta pesquisa se constituiu de um esquema técnico de pesquisa bibliográfica, o texto se estruturou com base na vivência acadêmica de estágio tanto em políticas públicas como na clínica, com o intuito de analisar essa relação e consequentemente uma prática clínica mais completa, embasada em literaturas psicanalíticas acadêmicas, fazendo uso de banco de dados disponíveis como livros, SciELO, Periódicos, Google Acadêmico e outros, contudo, foi necessário ampliar o arcabouço de literaturas devido à profundidade do tema, buscando publicações, tanto mais antigas advindas do ano de 1988, aproximadamente, como mais recentes publicadas em meados de 2020. Com a pesquisa conclui-se que a Fé, pode ou não desempenhar um papel de apoio, como um elemento de segurança e ajudar a mitigar e fornecer um sentido de propósito.

Palavras-chave: Psicanálise. Fé. Estrutura Neurótica. Saúde Mental.

ABSTRACT

This article aims to address the understanding between faith and the neurotic psychoanalytic clinical structure, highlighting the importance of the existence of the relationship and integration of these aspects in the subject to understand the resilience that this confrontation produces and consequently a more complete contemporary clinical practice, assisting in the process therapeutic taking into account mystical aspects. This research consisted of a technical bibliographical research scheme, the text was structured based on academic psychoanalytic literature, making use

of available databases such as books, SciELO, Periodicals, Google Scholar and others, however, it was necessary to expand the framework of literatures due to the historical complexity of the topic, searching for publications, both older dating from approximately 1988, and more recent published in mid-2020. With the research it is concluded that Faith can indeed act as a therapeutic resource in the face of coping with illnesses or serious problems. In this sense, Faith works together with science, providing comfort, consolation and hope, that is, this experience is seen as emotional and often social support, in the face of life's adversities. Faith favors the possibility of looking at the process of becoming ill from other aspects, and allows the possibility of reinterpreting the problem, pain, suffering or illness, and in the face of this new perspective, new ways of dealing with symptoms or illnesses emerge. adverse circumstances.

Keywords: Psychoanalysis. Faith. Neurotic Structure. Mental Health.

1 INTRODUÇÃO

Quase nove em cada dez brasileiros dizem, por exemplo, acreditar em Deus, segundo a pesquisa Global Religion 2023, produzida pelo instituto Ipsos. A literatura científica mais recente aponta que a religiosidade e a fé (espiritualidade) apresentam um papel relevante em muitos aspectos da vida, incluindo a questão da saúde mental (Marques, 2022).

A fé tem desempenhado um papel significativo na vida humana ao longo da história, influenciando não apenas as religiões, mas também a forma como as pessoas enfrentam desafios emocionais e psicológicos. Em uma sociedade cada vez mais secularizada e medicalizada, a busca por significado e conexão espiritual ganha destaque (Moreira-Almeida, 2007), especialmente no contexto da estrutura clínica neurótica.

Abordou-se a compreensão entre fé religiosa e a estrutura neurótica, mais especificamente o tipo clínico da neurose obsessiva, destacando a importância da existência da relação e integração desses aspectos no sujeito para entender a resiliência que este enfrentamento produz e consequentemente uma prática clínica contemporânea mais completa.

O termo estrutura e a expressão estruturas clínicas são de uso comum entre os psicanalistas. Ainda que esse termo e expressão não sejam utilizados na obra de Freud, estão implícitos nela, mas a expressão surgiu em psicanálise posteriormente, mais diretamente datam do início do ensino de Lacan. Na psicanálise, o conceito de estrutura refere-se à organização fundamental da psique

de um indivíduo, influenciada pela dinâmica inconsciente, mecanismos de defesa e traumas infantis. A estrutura psíquica molda como uma pessoa percebe o mundo, se relaciona com os outros e lida com conflitos internos (Altoé & Martinho, 2012).

Existem três principais estruturas psíquicas na teoria psicanalítica: neurose, psicose e perversão. Cada uma destas estruturas apresenta características distintivas em termos de lidar com a castração. Pensar sobre a estrutura clínica dentro da leitura lacaniana é defini-la na relação entre o sujeito, sujeito barrado, como efeito de linguagem, e o Outro (Lacan, 1963-1964/1988).

Neurose, Perversão e Psicose são, portanto, maneiras de defesa diante da angústia da castração e resultam da atuação das figuras parentais. Para Freud (1900/2001), as estruturas serão formadas em função do modo como o sujeito lida com a falta da mãe. A estrutura neurótica é uma das categorias principais de organização psíquica na teoria psicanalítica. Dentro dessa estrutura, a pessoa experimenta um conflito interno entre desejos inconscientes, geralmente de natureza sexual ou agressiva, e as normas sociais internalizadas. Este conflito gera ansiedade, que é gerida através de mecanismos de defesa como a repressão, a negação e a formação reativa.

Existem dois tipos clínicos de neurose, a histeria e a neurose obsessiva. A histeria, ou neurose histérica, é uma forma clássica de neurose caracterizada por sintomas físicos ou emocionais que não têm uma base orgânica aparente, mas são manifestações simbólicas de conflitos inconscientes. Freud (1990/2001) se refere à neurose obsessiva como um dialeto da histeria.

A neurose obsessiva, portanto, é vista como uma forma de compromisso psíquico, onde os desejos reprimidos encontram expressão indireta através de algumas manifestações. Sujeitos com essa estrutura diagnóstica frequentemente têm um superego muito rígido, que impõe padrões morais e éticos extremamente altos. Isso leva a sentimentos intensos de culpa e vergonha quando os desejos inconscientes emergem. Compreender essa dinâmica é essencial para o tratamento eficaz dos sujeitos que fazem parte dessa estrutura.

A fé, por sua vez, oferece um terreno fértil para explorar questões de significado, propósito e bem-estar emocional, gerando um sentimento de coerência (Moreira-Almeida, 2007).

Na neurose obsessiva, sua característica principal é a relação que esse sujeito tem com a lei e as normas. A relação do sujeito neurótico com o grande Outro é caracterizada por uma relação particular e conflituosa, onde a questão da autoridade moral e da culpa é central, a figura de Deus assume um papel crucial na dinâmica do sujeito obsessivo, personificando o Grande Outro

supremo, uma autoridade moral absoluta (Dör, 1991). Examinou-se como a fé pode influenciar a experiência da estrutura clínica neurótica como uma fonte de conforto e apoio provocando no sujeito esperança.

Na psicanálise, especialmente na obra de Jacques Lacan (1972-73/1985), o conceito de "Grande Outro" desempenha um papel central na compreensão das dinâmicas psíquicas. Para o sujeito neurótico obsessivo, a relação com o Grande Outro é singularmente complexa e muitas vezes se entrelaça com questões de moralidade, culpa e divindade, especificamente na concepção de Deus.

No caso clínico do Homem dos Ratos (1909/1996), que explana as considerações de Freud sobre a neurose obsessiva, tem evidência a figura paterna do paciente em seu quadro neurótico, tornando o pai alguém que tinha uma insistente influência sobre os desejos do filho e que era o alvo de sentimento ambíguo, disputando o amor e uma intensa hostilidade em relação a ele.

A relação do Homem dos Ratos com Deus, conforme analisada por Freud (1909/1996), revela a profunda relação entre a neurose obsessiva e a internalização de figuras de autoridade. Para o paciente, Deus representava o ápice do Grande Outro, uma figura de autoridade absoluta que impunha padrões morais rigorosos e exigia conformidade. A culpa avassaladora e os rituais compulsivos do paciente refletiam sua tentativa de lidar com esses conflitos internos e de buscar redenção perante essa autoridade suprema.

A relação do sujeito obsessivo com Deus pode ser entendida como uma extensão da relação com o Grande Outro. Deus, na mente do neurótico obsessivo, assume o papel do Grande Outro supremo, uma figura de autoridade absoluta que sabe tudo e julga tudo (Lacan, 1954-1955/1985). Através da análise, é possível ajudar o sujeito a flexibilizar suas rígidas normas internas e a desenvolver uma relação mais equilibrada com a autoridade e a moralidade. Dalgalarro (2007) afirma como a espiritualidade pode ser uma fonte de resiliência, cura e transformação para aqueles que enfrentam essas angústias existenciais, oferecendo uma nova perspectiva sobre a integração do sagrado no contexto da saúde mental. Portanto, este artigo oferece uma visão abrangente e sensível à diversidade das experiências científicas.

O objeto de estudo sobre o tema envolveu uma análise das interações entre a fé e os sofrimentos neuróticos (Moreira-Almeida, 2007). Ao estudar sobre este assunto, também responde a uma questão fundamental: como o sujeito neurótico obsessivo concebe Deus a partir do conceito

de grande Outro? Considera-se necessário analisar se a fé pode promover a redução do sofrimento diante do desamparo fundamental do homem.

2 METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo que pode ser definido como exploratório, pois o objetivo principal foi uma análise das interações entre a fé e o sofrimento neurótico. Nesse caso, explorou novas conexões e padrões. A abordagem do problema é classificada como qualitativa, onde testou hipóteses específicas relacionadas à fé e à estrutura neurótica. Isso implicou na formulação de hipóteses com base em teorias existentes com o intuito de conduzir uma análise para confirmar ou refutar essas hipóteses (Queiróz, 1992).

A pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas (Andrade, 2010). É o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que direcionou o trabalho científico, o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que executa o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico (Gil, 2002).

A abordagem utilizada foi de pesquisa qualitativa, pois se expressou mais pelo desenvolvimento de conceitos a partir de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento indutivo e interpretativo que se atribuiu aos dados descobertos, associados ao problema de pesquisa. Tais observações, também estão no entendimento de Pope e Mays (2005), quando os autores, entendem que a pesquisa qualitativa se vincula às vivências e à interpretação compreendida destes fenômenos sociais.

A pesquisa qualitativa ou naturalística, envolveu a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizou mais o processo do que o produto e se preocupou em retratar a perspectiva dos participantes (Lüdke; André, 2014).

A classificação do estudo aconteceu por uma fonte secundária, que são trabalhos de outros pesquisadores que abordaram o mesmo assunto ou tópicos relacionados, foi levantado os dados através de livros, monografias, artigos acadêmicos, teses, dissertações e revistas

especializadas para a análise. Uma pesquisa com fontes secundárias frequentemente começa com uma revisão abrangente da literatura existente sobre o tópico de interesse (Queiroz, 1992).

As fontes de dados para obter informações para a pesquisa foram diversas, como base de dados acadêmicos: CAPES Periódicos, SciELO (Scientific Electronic Library Online), BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), SEER (Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas), Scielo Livros e Google Acadêmico onde foi procurado artigos científicos, revisões, revistas e estudos que abordavam a relação entre fé e sofrimento na estrutura clínica neurótica. As palavras-chave usadas foram psicanálise, fé, estrutura neurótica, saúde mental, Freud.

3 PERSPECTIVA PSICANALÍTICA SOBRE FÉ

3.1 DESAMPARO FUNDAMENTAL E O SENTIMENTO OCEÂNICO

O conceito de "desamparo fundamental", formulado por Sigmund Freud (1930/1996), é uma peça central na compreensão da análise da subjetividade, especialmente em seu desenvolvimento inicial. Freud desenvolveu essa ideia em sua teoria para explicar a vulnerabilidade inerente à condição humana desde o nascimento.

De acordo com Freud (1930/1996), o desamparo fundamental refere-se à experiência primordial de impotência e dependência que todos nós enfrentou no início de nossas vidas. Esse estado de desamparo é uma consequência natural do nascimento humano, onde o bebê nasce em um estado de total dependência de seus cuidadores para satisfazer suas necessidades básicas de alimentação, conforto e proteção.

Essa condição de desamparo inicial é fundamental porque molda as experiências emocionais e psicológicas posteriores do sujeito. Freud (1930/1996), argumentou que o desamparo fundamental deixa uma marca na psique humana, influenciando o desenvolvimento de traços como ansiedade, insegurança e uma busca contínua por segurança e conforto.

Além disso, Freud (1930/1996), relatou o desamparo fundamental ao conceito de angústia primária. A angústia primária surge quando o bebê se depara com a percepção de sua própria impotência e vulnerabilidade diante de um mundo desconhecido e muitas vezes ameaçador. Essa

angústia é um componente crucial do desenvolvimento emocional, pois impulsiona o bebê a buscar conexão e proteção dos cuidadores.

Ao longo da vida, o desamparo fundamental continua a influenciar o comportamento e deixa uma marca profunda no psiquismo humano, moldando não apenas as experiências iniciais, mas também o desenvolvimento emocional e as relações interpessoais ao longo da vida.

Uma das formas pelas quais o desamparo fundamental se manifesta é na busca por vínculos e segurança emocional. Desde a tenra idade, os seres humanos desenvolvem um desejo inato de conexão com outros e uma necessidade de se sentirem protegidos e amados. Essa busca por proximidade e apoio é uma resposta direta ao desamparo experimentado na infância e continua a influenciar os relacionamentos ao longo da vida (Freud 1930/1996).

Além disso, pode contribuir para o desenvolvimento de uma série de mecanismos de defesa psicológica. Por exemplo, os indivíduos podem desenvolver estratégias de enfrentamento para lidar com a ansiedade e o medo decorrentes da percepção de sua própria vulnerabilidade. Essas defesas podem se manifestar de várias formas, como negação, projeção ou repressão, e muitas vezes são ativadas em momentos de estresse ou ameaça percebida (Freud 1930/1996).

Outra consequência do desamparo fundamental é a ansiedade de separação, que é comumente observada em crianças pequenas quando são separadas de seus cuidadores. Essa ansiedade reflete o medo do abandono e a necessidade de segurança que surge do desamparo inerente à condição humana. Mesmo na vida adulta, esse medo subjacente de perda e separação pode persistir e influenciar os padrões de relacionamento e a capacidade de confiar nos outros.

Sigmund Freud em seu texto sobre o mal-estar na civilização ponderando sobre um chamado “sentimento oceânico”, depois de ser indagado por seu amigo e autor do termo, Romain Rolland. Rolland provoca a discussão questionando Freud sobre uma sensação de eternidade, “algo ilimitado, sem barreiras, como que ‘oceânico’”, que seria para além da religiosidade, comum aos seres humanos (Freud, 1930/2010, p. 14).

O “sentimento oceânico” seria uma marca imaginária deixada pelo cuidado de um ser que amparou, alimentou e protegeu, e com isto permitiu provar primitivamente uma sensação ilusória de plenitude. Se a ilusão é objeto de nossos desejos, o “sentimento oceânico” assemelha ser uma necessidade humana frente à finitude da própria falta, que cria um laço de esperança e de alívio de que um dia conseguiremos retornar à plenitude perdida e nos juntarmos com a sensação de plenitude, pertencimento e inseparabilidade. Somos incapazes de representar nossa própria

morte, tampouco o Universo, sem a existência humana, seja de um devir ou de um porvir (Freud, 1930/2010).

Freud introduz o conceito de "sentimento oceânico" em sua obra *"O Futuro de uma Ilusão"* (1927/2011). Ele o descreve como um estado emocional que é frequentemente experimentado por pessoas religiosas. Este sentimento é caracterizado por uma sensação de conexão com o universo, uma experiência de unidade com algo maior do que o eu individual, muitas vezes interpretado como uma conexão com uma força divina ou cósmica.

Freud (1929/2019) sugere que o sentimento oceânico pode ser uma fonte de crenças religiosas, já que proporciona uma sensação de pertencimento e segurança que pode ser projetada em uma figura divina. No entanto, ele também aponta que esse sentimento não é exclusivo da religião e pode ser experimentado por pessoas não religiosas em contextos diferentes, como na experiência artística, na comunhão com a natureza ou em estados alterados de consciência.

Para o pai da psicanálise, o sentimento oceânico tem suas raízes no desenvolvimento psicológico humano. Ele sugere que, durante a infância, quando o bebê está unido ao mundo externo antes de desenvolver uma percepção clara do eu e do não-eu, pode surgir uma sensação de fusão indiferenciada com o ambiente, semelhante ao sentimento oceânico. Essa experiência primordial pode deixar uma impressão duradoura na psique humana, influenciando as experiências emocionais posteriores (Freud 1929/2019).

Embora Freud (1927/2014) analise como uma defesa contra o sofrimento a importância do sentimento oceânico na vida humana, ele o interpreta como uma ilusão, uma projeção de desejos inconscientes e uma forma de escapismo da realidade. Ele argumenta que as crenças religiosas baseadas nesse sentimento são produtos da mente humana em busca de conforto e segurança diante da incerteza e da angústia existencial.

Portanto, para Freud (1929/2019), o sentimento oceânico representa uma dimensão fundamental da experiência humana, que pode influenciar as crenças religiosas, mas também é passível de ser compreendido e interpretado à luz da psicanálise como uma manifestação de processos psicológicos subjacentes.

3.2 RELIGIÃO NA CULTURA

Segundo o antropólogo inglês Edward Tylor (1832-1917), cultura pode ser definida como o conjunto de conhecimentos, crenças, costumes, valores, normas, arte, leis e qualquer outra capacidade ou hábito adquirido por seres humanos como membros de uma sociedade civilizada. Esta definição abarca vários aspectos e dimensões, incluindo práticas e rituais que são transmitidos de geração em geração, princípios éticos e morais que orientam as ações e decisões dos indivíduos dentro da sociedade, assim como as regras implícitas e explícitas sobre o que é considerado adequado ou inadequado.

A tese da ilusão em Freud é uma das suas contribuições mais controversas para a compreensão da religião e da psicologia humana. Freud (2006/1939) argumentou que a religião é uma ilusão que surge da necessidade humana de enfrentar o desconhecido, o medo da morte e a angústia da separação. Ele via a religião como uma projeção das figuras parentais idealizadas, especialmente a figura do pai, para além da infância e para o reino da divindade.

Freud acreditava que a religião oferece uma maneira de lidar com os desafios e incertezas da vida, proporcionando conforto emocional e um senso de significado e propósito como também uma forma de suportar o mal-estar.

Em "O Mal-estar na Civilização" (1930/1974), Freud explora as tensões entre as pulsões do sujeito e as restrições impostas pela sociedade, oferecendo uma visão abrangente de como o mal-estar é uma parte inerente da condição humana. Ele argumenta que o mal-estar surge do conflito entre os instintos primários (Eros e Tanatos) e as exigências da vida civilizada, que impõem repressão e controle sobre esses impulsos. A tensão entre o desejo de gratificação imediata (princípio do prazer) e a necessidade de adiar ou negar essa gratificação em função das exigências da realidade (princípio da realidade) é uma fonte central de mal-estar.

A internalização das normas e valores sociais através do superego cria um senso de culpa e auto-observação crítica, contribuindo para o mal-estar. A culpa resulta da repressão dos desejos instintivos e da constante vigilância do superego, gerando um estado de mal-estar psíquico. Para viver em sociedade, os indivíduos devem reprimir muitos de seus impulsos instintuais, o que leva a um sacrifício da felicidade individual em prol da ordem social. As proibições culturais e morais reforçam essa repressão, criando uma tensão constante entre o indivíduo e a sociedade (Freud, 1974).

A repressão contínua dos instintos gera ansiedade e frustração, sentimentos que são centrais ao conceito de mal-estar. Embora a sublimação (desvio dos impulsos para atividades socialmente aceitáveis) possa aliviar parte desse mal-estar, ela não elimina completamente a tensão subjacente.

Lacan (1963-1964/1988) expande o conceito de mal-estar ao integrar o papel do Grande Outro, a estrutura simbólica da linguagem e da lei que mediam a relação do sujeito com o mundo. Para Lacan, o mal-estar está ligado à noção de desejo e falta. O desejo é sempre o desejo do Outro, e a falta é uma condição estrutural da subjetividade humana. Os sintomas neuróticos são manifestações do mal-estar resultante dos conflitos entre o desejo do sujeito e as exigências do Grande Outro. Também introduz a dimensão do Real, aquilo que é impossível de simbolizar completamente, gerando um mal-estar inerente à experiência humana.

No entanto, ele via essa crença como uma ilusão porque não se baseia em fatos objetivos ou evidências empíricas, mas sim em desejos e necessidades inconscientes.

Para Freud (1929/1926), sob uma perspectiva judaico-cristã de um Deus monoteísta, a crença em um Deus todo-poderoso e benevolente é uma expressão das relações parentais primárias, em que a criança depende do cuidado e da proteção dos pais. Essa figura paterna é então internalizada e projetada no conceito de Deus, oferecendo uma sensação de segurança e conforto emocional para o crente.

No entanto, Freud também reconheceu o papel positivo que a religião pode desempenhar na sociedade, fornecendo uma estrutura moral, coesão social e consolo em tempos de sofrimento. Apesar de sua visão crítica da religião como uma ilusão, ele reconheceu sua importância na vida humana e na história da civilização, ele via a possibilidade da ciência superar a religião com o progresso da civilização (Freud, 1929/1926).

Quando Freud se refere à religião, especialmente à concepção de um Deus pai, ele está se referindo principalmente às religiões monoteístas, como o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, onde há uma ênfase em um único Deus todo-poderoso e benevolente, muitas vezes retratado como uma figura paterna. Essas religiões enfatizam a adoração e devoção a esse Deus único como o criador e governante do universo, além de uma fonte de orientação moral e completude espiritual para os crentes.

Para Freud, o conceito de um Deus pai nessas religiões é uma projeção das figuras parentais primárias da infância, especialmente a figura do pai. Ele argumenta que a necessidade humana de

um pai protetor e benevolente é transferida para a divindade, oferecendo uma sensação de segurança e proteção em face das incertezas e adversidades da vida.

Portanto, quando Freud discute a religião, ele está se referindo principalmente a essas tradições monoteístas que enfatizam a figura de um Deus pai como central para a crença e prática religiosa.

Em *O Futuro de uma Ilusão* (1927/1996) Freud elucidou a forma como o homem entende a religião, como ele se relaciona com ela, bem como ela explica por meio dos seus ritos e doutrinas todo o funcionamento do cosmos e sua proteção que lhe é outorgada por meio de um pai engrandecido e divino diante os percalços da natureza.

Freud (1927/1996) procura responder por que os homens, que tanto avançaram na complexidade de suas relações, continuam a depositar sua fé em algo tão etéreo quanto a religião.

Sigmund Freud, o fundador da psicanálise, considerava a religião como uma utopia, uma forma de iludir-se diante da inevitabilidade da morte e das incertezas da vida. Para ele, as crenças religiosas surgiram como resultado do desejo humano por um pai protetor e onipotente, projetado no conceito de um Deus todo-poderoso. Reconhecendo, pois, no complexo parenteral a raiz da necessidade religiosa (Freud, 1910/1996).

Em pelo menos quatro momentos o psicanalista aborda diretamente o tema, a saber: em *"Totem e tabu"* (1913), *"Futuro de uma ilusão"* (1926), *"O mal-estar na civilização"* (1929), e, mais tarde, em *"Moisés e o monoteísmo"* (1938).

O conceito de "desamparo fundamental" usado por Freud (1930/1996) e Lacan (1966/1998), é central para entender a constituição do sujeito. Esse desamparo remete à condição inicial do ser humano, um estado de vulnerabilidade e dependência absoluta, que marca profundamente a experiência psíquica e a formação da subjetividade.

Freud identifica o desamparo como uma condição essencial da vida humana, começando no nascimento, quando o bebê é completamente dependente dos cuidados dos outros para sobreviver. Esse estado inicial de desamparo não só define a relação do sujeito com o mundo, mas também influencia a forma como ele lidará com a ansiedade e o medo ao longo da vida.

Quando se fala do mal-estar na cultura, termo originado do texto freudiano *"Das Unbehagen in der Kultur"* (1930), se refere ao sentimento de insatisfação e desconforto inerente à vida em sociedade. Freud argumenta que a civilização exige a repressão de impulsos instintuais e a aceitação de normas e leis sociais que, embora necessárias para a convivência, geram um

constante conflito interno no indivíduo. Este conflito é uma das fontes do mal-estar (Freud, 1930/1996).

Lacan, por sua vez, amplifica essa noção de desamparo ao incluir a questão da castração simbólica. Para Lacan (1966/1998), a castração não se refere literalmente à perda de um órgão, mas à aceitação da falta, da impossibilidade de satisfazer plenamente os desejos e da necessidade de se submeter às leis da linguagem e do simbólico. Essa aceitação é crucial para a entrada no mundo simbólico, onde o sujeito se insere nas estruturas sociais e culturais.

O mal-estar na cultura pode ser interpretado também como uma manifestação da negação da castração. Muitas vezes, os sujeitos tentam evitar a confrontação com a falta, buscando mecanismos de defesa para lidar com o desconforto existencial e a angústia que surgem dessa condição de desamparo e castração simbólica. Esses mecanismos podem incluir a busca incessante por prazer, o consumo exacerbado, a idealização de figuras de autoridade ou até mesmo a adesão a ideologias que prometem um estado de plenitude e completude inatingíveis (Freud, 1930/1996).

Ao negar a castração, o sujeito obsessivo tenta se refugiar em fantasias de onipotência e completude, procurando escapar da realidade da falta e do desamparo. Essa negação, no entanto, não resolve o mal-estar, mas pode, ao contrário, intensificá-lo, uma vez que a realidade da falta e do desamparo são condições inerentes à existência humana (Freud, 1930/1996).

Portanto, o sujeito se constitui em torno do mal-estar na cultura, não apenas pela necessidade de se adaptar às exigências civilizatórias, mas também pela confrontação contínua com o desamparo fundamental e a castração simbólica. A constituição subjetiva envolve o reconhecimento dessas condições, a elaboração dos lutos e perdas implicadas, e a construção de formas de lidar com o mal-estar que são inevitáveis na vida em sociedade (Freud, 1930/1996).

A religião desempenha várias funções na cultura como, consolação e conforto psicológico onde uma das principais funções da religião, segundo Freud (1929), é fornecer esse amparo às pessoas diante das dificuldades da vida. A crença em uma entidade divina benevolente e em uma vida para além da morte oferece esperança e alívio para as angústias e sofrimentos enfrentados pelos seres humanos.

Também como regulação social e moral: a religião do mesmo modo desempenha um papel crucial na formação da moral e na regulação do comportamento social. Freud (1913/2013) trata como os preceitos religiosos, os mandamentos, normas e rituais, moldam o comportamento individual e coletivo, proporcionando um sistema de valores e ética que guia as interações sociais.

Além disso tem-se a explicação do desconhecido oferecendo esclarecimentos para questões existenciais e desconhecidas, como a origem do universo, o propósito da vida e a natureza da morte (Freud, 1926). Por meio de mitos, narrativas e dogmas religiosos, as pessoas encontram respostas para perguntas que transcendem o entendimento humano, oferecendo uma sensação de significado e compreensão do mundo.

E finalmente, redução da angústia, Freud (1938) observa que a religião também funciona como um mecanismo de redução da ansiedade, proporcionando uma sensação de segurança e controle em um mundo incerto e imprevisível. A crença em um poder superior que governa o universo oferece uma sensação de proteção e tranquilidade diante das ameaças e perigos da vida.

No entanto, apesar de reconhecer essas funções positivas da religião na cultura, Freud (1938/1980) também critica aspectos negativos associados à religião. Ele argumenta que a religião pode servir como uma forma de recalque das pulsões humanas, impondo restrições e culpas que contribuem para o mal-estar psicológico. Além disso, Freud vê a religião como uma ilusão que reflete as necessidades e desejos humanos, criando uma falsa sensação de segurança e significado.

Freud (1930/1978) em "O futuro de uma ilusão", procura responder os motivos pelos quais os homens, que tanto progridem na complexidade de suas relações, continuam a descansar sua fé em algo tão etéreo quanto a religião. Eis aqui onde a psicanálise pode contribuir para a compreensão da religião - a natureza, tal como os progenitores, passa a fornecer uma resposta no discurso para o desamparo humano.

Em sua interpretação do fato religioso, Freud utiliza de dois modelos hermenêuticos tirados da clínica psicanalítica dentre estes está a Neurose (Araújo, 2014). Como neurose, a religião é concebida como a neurose universal da humanidade, uma neurose cultural (Freud, 1927), e relacionada ao remorso pelo assassinato do pai primário, ou seja, a religião, é uma experiência de resolver o problema do sentimento de culpa decorrente da ambiguidade afetiva em relação ao pai.

Como ilusão, a religião, tem a ver com a nostalgia do pai protetor. Para a psicanálise, o importante é compreender os motivos latentes de nossas crenças e descrenças religiosas. Todo discurso, incluindo o religioso, é um discurso humano que, independentemente de ser neurótico ou divino, está submetido às determinações inconscientes (Freud, 1930/1978).

Além disso, a psicanálise explora como as experiências religiosas podem refletir dinâmicas inconscientes, como a relação com figuras parentais, sentimento de culpa e o desejo de

pertencimento a um grupo social. Por exemplo, a noção de pecado pode ser interpretada como uma expressão da consciência moral internalizada do sujeito.

Portanto, a percepção psicanalítica sobre a religião na cultura reconhece tanto os aspectos ilusórios quanto os significados simbólicos das práticas religiosas, explorando como essas crenças e rituais influenciam a vida psíquica individual e coletiva.

3.3 QUAL A CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA SOBRE DEUS?

Embora os termos crença e fé muitas vezes sejam utilizados de forma permutáveis, eles têm significados diferentes, especialmente quando analisados em contextos filosóficos, religiosos e psicológicos.

A crença refere-se à liberdade de algo como verdadeiro ou real, com base em evidências, experiências pessoais, influências culturais ou autoridades externas. Pode ser consciente ou inconsciente, racional ou irracional. As opiniões serão modificadas ou abandonadas com base em novas informações, experiências ou reflexões (Le Bon, 2001).

Crenças constituem, para Le Bon (2001), o conjunto de dogmas externos, não comprováveis ou experimentados pelo indivíduo ou pela coletividade e compõe um sistema de valores com base no consenso da maioria. Elas são muitas vezes associadas a ideias, conceitos ou proposições específicas sobre o mundo, como a crença na existência de Deus, na ciência, na moralidade entre outras. As opiniões podem ser variáveis e sustentadas por questionamentos e análises críticas.

A fé, por outro lado, vai além da mera liberdade intelectual de algo como verdadeiro; é uma confiança profunda e comprometida em algo ou alguém, mesmo na ausência de evidências tangíveis ou racionais, a fé como uma forma de coragem ou quando se conhece e passa a acreditar em algo que não é palpável (Le Bon, 2001).

Pascal (apud Le Bon, 2001) afirma que a fé frequentemente envolve uma dimensão emocional, espiritual ou transcendental. Ela é menos sujeita a mudanças com base em argumentos racionais ou evidências científicas; é mais arraigada e resistente a desafios externos. A fé é vista como uma virtude que transcende o intelecto e que é fundamental para a busca espiritual e a conexão com o divino.

Para Gomes (1989) a fé difere da crença porque é uma confiança de um lugar mais íntimo, não se restringe a força do intelecto e descarta a necessidade de um acontecimento para ser firmada. A melhor definição bíblica que sintetiza o conceito de fé está na carta aos Hebreus: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, é a prova das coisas que se não vêem” (Hebreus 11:1). A fé é uma certeza revelada no coração que independe de comprovação. Muitas vezes as crenças podem ser limitantes impedindo que alcance a verdade, pois simplesmente obedece a um sistema de repetição sem que haja questionamentos de sua natureza.

Acreditar está relacionado intimamente com as crenças, o que não diz respeito a questões com a fé. O que se acredita diz a respeito muito mais sobre o indivíduo do que propriamente sobre Deus, está interligado com aquilo que eu espero receber, com as minhas mais profundas expectativas e ansiedades. Por isso a fé não está em acreditar em algo, alguém ou alguma coisa, mas ela se fundamenta em conhecer a quem se deposita a confiança, Deus. Com isso percebeu-se que a grande crise da espiritualidade aconteceu exatamente porque tenta-se acreditar em quem ainda é de fato desconhecido (Le Bom, 2001).

Embora a crença se refira à economia intelectual de algo como verdadeiro ou real, a fé vai além disso, envolvendo uma confiança profunda e comprometida que pode transcender a razão e se estender aos aspectos emocionais, espirituais e transcendentais da vida humana.

Freud (1929/1926) vê a crença religiosa como uma forma de ilusão, uma projeção das fantasias e desejos humanos, muitas vezes moldada pela figura paterna idealizada (complexo de Édipo). Ele sugere que uma religião sirva como uma espécie de conforto ilusório, proporcionando segurança emocional e um sentido de ordem em um universo que, de outra forma, pareceria caótico e ameaçador.

Além disso, Freud (2010) também explorou a relação entre espiritualidade e neurose em seus estudos de caso, como o "Homem dos Lobos". Ele viu a religião como uma forma de neurose universal, na qual os indivíduos projetam seus conflitos internos e desejos não resolvidos em figuras divinas e rituais.

Lacan (1975) abordou a espiritualidade e a crença dentro do contexto de sua teoria do sujeito e do real, simbólico e imaginário. Ele estava interessado na forma como os sistemas simbólicos, incluindo a religião, moldam a subjetividade humana e fornecem estruturas para a identidade e o significado.

A noção de crença do sujeito em Lacan refere-se à maneira como os sujeitos se identificam com o significante, internalizando os sistemas simbólicos que estruturam suas experiências e subjetividade. Isso pode incluir crenças em ideias, valores e identidades culturalmente construídas. Lacan argumenta que a crença do sujeito está enraizada na alienação primordial do sujeito do seu próprio desejo e na busca por completude e significado através da identificação com o Outro (o simbólico) (Lacan, 1975).

Portanto, enquanto Freud vê a espiritualidade/ religiosidade como uma forma de ilusão que surge das necessidades psicológicas humanas, Lacan aborda como uma expressão da relação do sujeito com o simbólico e a identidade. Ambos os teóricos destacam a complexidade da crença e sua relação com as dinâmicas psicológicas e sociais fundamentais.

A teoria psicanalítica de Jacques Lacan (1953/ 2005) é conhecida por sua complexidade e por seu uso de três registros: o Real, o Simbólico e o Imaginário. Cada um desses registros oferece uma maneira distinta de compreender a experiência humana, incluindo a concepção de Deus. Lacan não aborda Deus como uma entidade objetiva, mas como uma construção psíquica que se manifesta de diferentes maneiras nos três registros.

O Imaginário cuja definição é o domínio das imagens, das ilusões e da identificação. É onde o eu (moi) se forma e onde se dá a identificação com o corpo e com os outros. No registro do Imaginário, Deus pode ser concebido como uma figura idealizada ou como um espelho no qual o sujeito projeta seus desejos e ideais. Deus aparece como uma imagem que oferece uma resposta ao desejo de completude e de perfeição. A imagem de Deus é muitas vezes uma projeção das próprias fantasias do sujeito, funcionando como um ideal do eu ou como um substituto para figuras parentais idealizadas (Lacan, 2005/1953).

O Simbólico é o registro da linguagem, das leis, das normas e das estruturas sociais. Ele é constituído por significados que organizam e mediam a experiência humana, moldando a realidade subjetiva através da rede de significados compartilhados.

No registro simbólico, Deus pode ser entendido através da função do Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai é um significante que estabelece a lei e a ordem na vida psíquica do sujeito. É fundamental para a entrada do indivíduo na ordem simbólica, que é a estrutura da linguagem e da cultura, uma representação do Grande Outro, a instância que incorpora a lei, a linguagem e as normas sociais. Deus, nesse contexto, é visto como a autoridade suprema que define e impõe a

ordem simbólica. Deus no simbólico é a fonte das leis morais e éticas. Ele é uma figura que autoriza e valida as normas que estruturam a vida social e individual (Lacan, 1953/ 2005).

Para Lacan (1957-58/1999) Deus atua como um significante mestre (S1) que organiza outros significantes e dá sentido à experiência do sujeito. Ele ocupa um lugar central na estrutura simbólica, oferecendo uma referência para a interpretação da realidade. A crença em Deus no simbólico ajuda a consolidar a identidade do sujeito, fornecendo um conjunto de significados e valores que orientam a existência.

O Real é o domínio do que está além da simbolização e da compreensão. É o que não pode ser completamente integrado nos registros simbólico e imaginário, representando o impossível e o inefável. No registro do Real, Deus é concebido como aquilo que escapa à simbolização e à compreensão. Deus representa o impossível, o indizível, algo que está além da linguagem e da estrutura simbólica (Lacan, 2005/1953).

A experiência religiosa pode ser vista como um encontro com o Real, uma confrontação com algo que está além da racionalidade e da estrutura simbólica. Essa experiência pode ser ao mesmo tempo aterradora e sublime, representando um encontro com o absoluto.

Para Lacan (1974/2005), a concepção de Deus envolve uma articulação complexa entre o Simbólico, o Imaginário e o Real. Cada registro oferece uma dimensão diferente da experiência de Deus.

No Simbólico, Deus é a figura que garante a coesão e a ordem da linguagem e da lei, no Imaginário, Deus é a imagem ideal com a qual o sujeito se identifica, um reflexo de suas aspirações e ideais e no Real, Deus é o mistério e o inefável, aquilo que está além da compreensão e simbolização (Lacan 2005/1974).

4 A QUESTÃO DE DEUS NA NEUROSE OBSESSIVA E A RELAÇÃO DO NEURÓTICO OBSESSIVO COM DEUS

Sigmund Freud foi pioneiro no estudo das neuroses obsessivas. Em seu trabalho, Freud (1996/1907) destacou que os sintomas obsessivo muitas vezes estão associados a conflitos internos relacionados com a moralidade, culpa e punição. Ele observou que esses indivíduos frequentemente têm pensamentos intrusivos de natureza moral ou religiosa, o que pode ser entendido como uma manifestação simbólica de conflitos inconscientes.

Freud sugeriu que, na neurose obsessiva, há uma substituição da figura paterna pela figura divina. O neurótico obsessivo pode projetar seus medos e desejos inconscientes em Deus, utilizando a religião como um meio de lidar com sua angústia e culpa. O sentimento de culpa pode ser exacerbado por uma internalização de normas e regras religiosas, que são então projetadas como punições divinas conforme Freud (1996/1909).

O sujeito neurótico obsessivo frequentemente experimenta sentimentos intensos de culpa, que podem estar relacionados com pensamentos ou impulsos considerados inaceitáveis ou imorais. A crença em um Deus punitivo pode intensificar esses sentimentos de culpa, pois o sujeito sente que seus pensamentos e comportamentos estão sendo constantemente julgados e que a punição divina é iminente (Freud, 1996/1907).

Na neurose obsessiva, é comum a presença de rituais compulsivos, que podem incluir práticas religiosas como rezas, confissões ou outros atos de devoção. Esses rituais servem como uma possível função de neutralizar os pensamentos obsessivos e aliviar a ansiedade associada à culpa. A religião, assim, pode fornecer um quadro estruturado no qual os rituais do neurótico obsessivo se encaixam, oferecendo uma forma de organização e controle sobre suas angústias (Freud 1996/1909).

Perspectivas mais recentes na Psicologia e na Psicanálise têm ampliado a compreensão da relação do neurótico obsessivo com Deus, considerando fatores culturais, sociais e individuais. A religiosidade pode ter diferentes significados e funções dependendo do contexto de vida do indivíduo e das suas experiências pessoais com a espiritualidade e a fé.

Por exemplo, em contextos em que a religião desempenha um papel central na vida comunitária e na identidade pessoal, os sintomas obsessivos podem se manifestar de maneira mais explicitamente religiosa, como em ações de rezas, confissões entre outros atos de devoção. Já em contextos mais seculares, a espiritualidade pode se expressar de formas mais simbólicas ou ser substituída por outras formas de ideologia moral rígida (Freud 1996/1909).

No tratamento da neurose obsessiva, é importante considerar a relação do paciente com a religião de maneira sensível e respeitosa. A psicanálise, pode ajudar o paciente a entender e trabalhar seus conflitos internos relacionados à culpa e ao medo de punição divina (Freud, 1907). O objetivo é ajudar o indivíduo a encontrar um equilíbrio saudável entre sua espiritualidade e sua saúde mental, reduzindo a rigidez dos rituais compulsivos e aliviando a ansiedade e a culpa associadas, minimizando o sofrimento.

A relação do neurótico obsessivo com Deus é uma área rica e complexa que envolve uma interação entre fatores psicológicos, culturais e espirituais. Entender essa relação requer uma abordagem integrada que considere os aspectos únicos da experiência religiosa do indivíduo e como eles se relacionam com seus sintomas obsessivos.

A relação do neurótico obsessivo com Deus é um tema que foi profundamente explorado pela psicanálise, especialmente através do trabalho de Sigmund Freud. Um dos casos mais emblemáticos estudados por Freud (1996/1909) é o do "Homem dos Ratos" (Ernst Lanzer), que exemplifica como os conflitos internos do neurótico obsessivo podem se manifestar em relação à figura divina.

O Homem dos Ratos era um jovem advogado que sofria de graves pensamentos obsessivos e atos compulsivos, especialmente relacionadas ao medo de que ratos torturassem seu pai e uma mulher por quem ele tinha sentimentos ambivalentes. Freud tratou Lanzer em 1907 e documentou este caso em "Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva" (Freud, 1996/1909).

Lanzer apresentava uma série de sintomas obsessivos, incluindo pensamentos intrusivos, rituais repetitivos e uma intensa preocupação com a segurança de seus entes queridos. Esses sintomas estavam intimamente ligados a conflitos internos profundos, particularmente em torno de sentimentos de amor e ódio, bem como a culpa e o medo de punição (Freud, 1996/1909). Ele adoeceu quando se deparou com a tentação de se casar com outra mulher que não aquela que amava, essa dúvida resultou num conflito entre a influência do pai e o amor àquela mulher, ou seja, uma escolha conflituosa entre pai e objeto sexual, como já existia nos primeiros anos da infância.

Freud (1996/1909) observou que na neurose obsessiva há uma tendência de internalizar a figura paterna, transformando-a em uma autoridade moral interna severa. No caso do Homem dos Ratos, esta figura paterna internalizada se traduzia em uma série de mandamentos e proibições rígidas. Esta internalização pode ser estendida à figura de Deus, visto como um ser onisciente e punitivo, que vigia e julga constantemente os pensamentos e ações do indivíduo.

O neurótico obsessivo, como Lanzer, frequentemente experimenta sentimentos intensos de culpa por pensamentos ou desejos considerados inaceitáveis. Esses sentimentos são exacerbados pela crença em um Deus punitivo, um pai primitivo, que reforça a necessidade de rituais compulsivos como forma de expiação. O mal entendimento por parte desses pensamentos conscientes refletem a uma luta defensiva que se pode comparar a fórmulas protetoras (Freud,

1996/1909, p. 86). Lanzer em uma sessão falou sobre uma palavra que usaria para todas as tentações, seria orações dotadas de uma amem ao final, onde Freud observou que formava um anagrama com o nome da mulher.

Freud percebe que nas medidas protetoras dos neuróticos obsessivos, como a oração no caso do Homem dos ratos vem das fantasias inconscientes que não cessam de interferir e perturbar o ato da oração, onde justamente é o impulso contrário que se deseja manistar e a culpa, a vergonha ou a moral imposta pela cultura vivenciada não permite. Em uma de suas orações Lanze iria pedir para que Deus protegesse a mulher e inconscientemente quando foi falar quase lhe escapou um não, dando conta de que iria proferir uma maldição; o neurótico vendo que a palavra não saíra, ainda continuou a oração abafando, impedindo a manifestação do contrário (Freud, 1996/1909, p.55). O risco dessas medidas protetoras, de tentar controlar que nada escape, é que leva a incerteza e a contínua repetição, inibindo assim a decisão original e exibindo o conflito do inconsciente.

No caso do Homem dos Ratos, o medo de que seus entes queridos fossem torturados por ratos pode ser visto como uma projeção de sua própria culpa e o desejo inconsciente de punição (Freud, 1996/1909).

Os rituais compulsivos do Homem dos Ratos tinham uma função similar aos rituais religiosos: aliviar a ansiedade e tentar garantir a proteção divina ou evitar a punição. Os neuróticos obsessivos frequentemente criam elaborados sistemas de rituais que, embora aparentemente irracionais, seguem uma lógica interna rígida (Freud, 1996/1909).

Os pensamentos obsessivos e rituais do Homem dos Ratos também podem ser interpretados simbolicamente. A obsessão com ratos pode ter várias camadas de significado, incluindo associações inconscientes com punição divina e contaminação moral. Os rituais, então, tornam-se uma tentativa desesperada de purificação e redenção (Freud, 1996/1909).

Freud (1996/1909) interpretou os sintomas de Lanzer como expressões de desejos inconscientes conflitantes, particularmente aqueles relacionados com amor e agressão. A relação com Deus na neurose obsessiva pode ser vista como uma extensão desses conflitos, onde Deus representa tanto a figura paternal idealizada quanto a fonte de medo e punição.

Os neuróticos obsessivos utilizam mecanismos de defesa como a formação reativa e a sublimação para lidar com esses desejos. A religião pode oferecer um quadro dentro do qual esses mecanismos operam, proporcionando uma forma de transformar impulsos inaceitáveis em atos de devoção (Freud, 1996/1907).

Atualmente, a compreensão da relação entre o neurótico obsessivo e Deus beneficia-se de abordagens integradas que consideram fatores culturais e contextuais. A religiosidade pode variar amplamente entre diferentes indivíduos e culturas, influenciando como os sintomas se manifestam e são percebidos (Freud, 1996/1907).

No tratamento de neuroses obsessivas, é importante abordar a espiritualidade e a religiosidade do paciente de maneira sensível, ajudando-o a encontrar formas mais saudáveis de expressão espiritual.

A relação do neurótico obsessivo com Deus é uma área rica de investigação que revela muito sobre a dinâmica interna desses indivíduos. O caso do "Homem dos Ratos" exemplifica como conflitos profundos de amor, culpa e medo de punição podem se manifestar em uma relação complexa e muitas vezes dolorosa com a figura divina. Compreender essa relação pode ajudar terapeutas a proporcionar intervenções mais eficazes e compassivas, auxiliando os pacientes a encontrar um equilíbrio entre sua espiritualidade e sua saúde mental (Freud, 1996/1909).

Quando criança, o paciente viu uma de suas governantas nua. Esse episódio provocou-lhe o desejo de olhar o corpo feminino nu. Certa vez, ouviu a mesma governanta dizer que ele era desajeitado, seguramente iria falhar. Desde então, o desejo de olhar uma mulher nua (pulsão escópica) sempre acompanhava um afeto aflitivo: “Se tenho desejo de ver uma mulher despida, meu pai fatalmente deverá morrer”. Uma pulsão erótica contra a qual lutava, um desejo que se tornou uma ideia compulsiva, mas que culminou em uma masturbação em desafio a seu pai, pois realizava tal ato após estudar, a fim de agradá-lo (FREUD, 1909/1996).

Isso demonstra o quanto a norma do pai se instaurava nele e sua vontade acabava sendo um ato de rebelião contra a mesma. Dependendo de como o sujeito lida com sua fé, ela pode ser cruel e coercitiva, é dentro dessa dualidade de sentimentos que o sujeito neurótico muitas vezes se depara.

O paciente, em virtude de seu desejo inconsciente, tinha sentimento de culpa; achava-se um criminoso por ter esse desejo, assim, autopunia-se. O efeito desse conflito foram criações das ideias e atos obsessivos. Freud (1909/1996) afirmava que o sentimento de morte pelo pai era a principal fonte da intensidade de sua doença e os sintomas eram formações do inconsciente, assim como os sonhos que têm uma aparência de não possuírem motivo ou significação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a relação entre a fé e o sofrimento na estrutura neurótica, buscando compreender como a fé pode atuar como forma de enfrentamento frente às angústias e ansiedades típicas da neurose. Ao longo da pesquisa, ficou evidente que a fé, independentemente de sua natureza religiosa, desempenha um papel significativo na vida dos indivíduos que sofrem de neuroses, oferecendo um sentido de propósito e um alívio emocional diante do sofrimento.

A revisão da literatura revelou que a neurose é caracterizada por conflitos internos, inseguranças e uma constante sensação de inadequação. Nesse contexto, a fé surge como uma forma de mediação, proporcionando aos neuróticos um meio de lidar com suas aflições através de crenças que oferecem esperança e consolo. Diversos estudos indicam que a fé pode contribuir para a redução dos níveis de ansiedade e depressão, ajudando os indivíduos a encontrar um sentido maior em suas experiências de dor e sofrimento.

Além disso, a análise mostrou que a fé oferece um espaço de reflexão e de conexão com algo maior, o que pode ajudar na reorganização interna e na diminuição do sofrimento psíquico. A espiritualidade pode atuar como uma fonte de apoio social, fortalecendo laços comunitários e oferecendo suporte emocional.

Contudo, é importante reconhecer que a fé não é uma solução universal e que sua eficácia pode variar conforme o contexto cultural e individual. Em alguns casos, a fé pode exacerbar sentimento de culpa e inadequação, especialmente quando associada a doutrinas rígidas ou punitivas. Portanto, a fé pode ser considerada uma ferramenta complementar no manejo do sofrimento neurótico, integrando-se a psicoterapia e, se necessário, a medicação.

Em síntese, este TCC evidenciou que a fé pode ser um recurso valioso no enfrentamento do sofrimento na estrutura neurótica obsessiva, proporcionando alívio e sentido para os indivíduos que enfrentam essa condição, como também considera que a fé em um Deus punitivo pode agravar o sofrimento.

Espera-se que este estudo contribua para uma maior compreensão da relação entre fé e neurose obsessiva, incentivando novas pesquisas que aprofundem este tema e explorem intervenções terapêuticas que integrem aspectos espirituais no tratamento dos sintomas neuróticos auxiliando o sujeito a encontrar um equilíbrio saudável entre sua espiritualidade e sua saúde

mental, reduzindo a rigidez dos rituais compulsivos e aliviando a ansiedade e a culpa associadas, minimizando o sofrimento.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, ANDRÉ ANDRADE DE. **Avaliação da microbiota bucal em pacientes sob uso crônico de penicilina e benzatina**. 2009. Tese (Doutorado em Cardiologia) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- ALTOÉ, S., & MARTINHO, M. H. (2012, junho). A noção de estrutura em psicanálise. *Estilos da Clínica*, São Paulo, 17(1), 14-25.
- BAVARESCO, Agemir; BARBOSA, Evandro; ETCHEVERRY, Katia Martin (org.). *Projetos de filosofia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. E-book. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/projetosdefilosofia.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2011.
- BOCK, A. M. B. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14 ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é: o que não é**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BORELLI, F. C. **Consumo responsável sob a perspectiva prático-teórica: um estudo etnográfico em uma ecovila**. (Tese de Doutorado) – Instituto de Coppead de Administração, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/41/teses/813514.pdf> . Acesso em: 17 set. 2017.
- CALLIGARIS, C. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. (Série Discurso Psicanalítico).
- CAMPOS, R. H. F (Org.). **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CARAVITA, R. I. Ecovilas, meio ambiente, cosmologias e espiritualidade(s). **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá, v. III, n. 9, jan. 2011. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 18 set. 2015.

CONGRESSO INTERNACIONAL DO INES, 8.; SEMINÁRIO NACIONAL DO INES, 14., 2009, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2009. 160 p. Tema: Múltiplos Atores e Saberes na Educação de Surdos. Inclui bibliografia.

CORRAL-VERDUGO, V. Psicologia ambiental: objeto, “realidades” sócio-físicas e visões culturais de interações ambiente-comportamento. **Psicologia USP**, São Paulo 2005, v. 16, n. 1/2, p. 71-87, 2005.

CRUZ, L. R.; FREITAS, M. F. Q.; AMORETTI, J. Breve história e alguns desafios da Psicologia Social Comunitária. In: SARRIERA, J. C.; SAFORCADA, E. T. (Org.). **Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 76-96.

CUNHA, E. V. **A sustentabilidade em ecovilas: práticas e definições segundo o marco da economia solidária**. (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia Escola de Administração, Núcleo de Pós-Graduação em Administração, Salvador, 2012. Disponível em: <http://www.adm.ufba.br/pt-br/publicacao/sustentabilidade-ecovilas-praticas-definicoes-segundo-marco-economia-solidaria>. Acesso em: 04 nov. 2016.

DÖR, J. (1991). *Estruturas e clínica psicanalítica* (1a ed.). Rio de Janeiro. Livrarias Taurus-Timbre.

FREUD, S. (1856-1939). Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva [“Homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)/ Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza - 1ª ed, - São Paulo: Companhia das letras, 2013.

FREUD, S. (1900). A Interpretação dos Sonhos. Vol. IV Obras Psicológicas. Completas de Sigmund Freud edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1900.

FREUD, S. (1923). O Ego e o Id. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1996). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 10). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1909).

FREUD, S. (1939/2006). Moisés e o monoteísmo. In J. Salomão (Org.), Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Vol. 23, pp. 13-150). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1939).

FREUD, S. (1996). Atos obsessivos e práticas religiosas. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 9, 105-117). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).

FREUD, S. (1996). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 10). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1909).

FREUD, S. (1974). Reflexões para os tempos de guerra e morte (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).

GLOBAL RELIGION IPSOS. Crenças religiosas em todo o mundo: um Global Advisor de 26 paísespesquisa. 2023. Disponível em:<https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2023-05/Ipsos%20Global%20Advisor%20-%20Religião%202023%20Relatório%20-%2026%20países.pdf>

LACAN, J. (2008). O mito individual do neurótico ou poesia e verdade na neurose. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1953).

LACAN, J. Seminário III: As psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, J. (2005). O triunfo da religião. In O triunfo da religião, precedido de, Discurso aos católicos (A. Telles, Trad., pp. 55-83). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1974).

LACAN, J. (2005). O simbólico, o imaginário e o real. Em Nomes-doPai (T. André, Trad., pp.11-53). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1953).

LACAN, J. (2008). O mito individual do neurótico ou poesia e verdade na neurose. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1953).

LACAN, J. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. O seminário. Livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). Tradução de Marie Christine e Lasnik Penot; com a colaboração de Antonio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, J. Introdução do grande outro. In: O SEMINÁRIO — Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. (1988). O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1963-1964).

LACAN, J. (1999) O Seminário: Livro 5: As formações do inconsciente (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1957-58).

LACAN, J. (2008). O mito individual do neurótico ou poesia e verdade na neurose. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1953).

LACAN, J. O seminário. Livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). Tradução de Marie Christine e Lasnik Penot; com a colaboração de Antonio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, J. (1988). O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1963-1964).

MARQUES A, Ihle A, Souza A, Peralta M, de Matos MG. Intervenções baseadas na religião paradedpressão: Uma revisão sistemática e meta-análise de estudos experimentais. J AffectDesordem. 2022;309:289 – 96. doi: 10.1016/j.jad.2022.04.126

[1]Maria Nadyelle Lopes de Souza. Email: nadyelle_psi@hotmail.com

[2]Raul Max Costa. Email: raulmax@leaosampaio.edu.br